



Veredas Temática:

Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares

Volume 22 nº 1 - 2018

A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experienciador da linguagem e do campo

Gleiton Matheus Bonfante (UFRJ)

RESUMO: Neste artigo procuro contribuir para a área do conhecimento autoetnográfico dentro da linguística aplicada, narrando fatos da minha experiência como linguista autoetnógrafo no estudo da estilização de si nos aplicativos de pegação. Mais especificamente, descrevo minha recepção corpórea de cantadas e injúrias dentro do campo e proponho que linguagem deve ser entendida pelo que faz (aspecto performativo) e não pelo que diz (aspecto semântico). Dialogando com filósofos como Michel Foucault, John Austin e Judith Butler, proponho ser o corpo do pesquisador – o receptor da linguagem – lócus de produção de inteligibilidade sobre o mundo em que estamos imersos. Discuto a relevância da reflexão linguística na composição de um estilo autoetnográfico, assim como a relação contemporânea do aparelho celular com o nosso corpo. Inspirado pelos escritos de Spinoza, argumento pela compreensão do campo como um conjunto de forças afetivas – dentre as quais faz parte a linguagem –, por meio das quais podemos aprender e apreender o mundo, e pela resignificação da metáfora de “entrada no campo” como responsabilidade decolonial. Finalmente, discuto a presença do pesquisador no campo como produtor de afeto sensual e como experienciador de injúrias linguísticas, explorando a potencialidade dessas experiências para o conhecimento linguístico-etnográfico.

Palavras-chave: aplicativos de pegação; autoetnografia linguística; afeto; linguística aplicada indisciplinar; erótica dos signos.

Prólogo

Os dedos nevrálgicos tocam a tela engordurada do celular quase mecanicamente. Deslizam, porém, exercendo a luxúria do tato. Eles procuram freneticamente por algo que não podem deveras encontrar: a imagem encarnada de seu próprio desejo. *Doubletap*: “Fala aí, blz?”, voltar. *Double tap* novamente: “Fala de onde?”; “Curte o q?”, voltar. *Double tap* no terceiro perfil, penso: “Hmmm, já falei com esse cara, ele não responde”, voltar. Um *tap*: “Este é gatinho, mas esse papo de sigilo me dá preguiça”, voltar. A perambulação por outros perfis se desenrola noite afora com a avidez sem entusiasmo de um faminto analfabeto que se perde nas páginas de um cardápio, seduzido pelas imagens que contempla. Um consumidor voraz de símbolos, cujos sentidos se estendem para além dos limites dos signos; olha e revira a lista de perfis disponíveis para *chat*, sempre espiado pelo seu próprio perfil, ativo e onipresente no alto da lista. Uma lista dos duzentos homens mais próximos ao redor de mim, vestidos de seus perfis, se organizava em forma linear. Esses homens não apenas se vestem de seus perfis, mas eles sequer existiriam se não fossem seus perfis. Os olhos percorriam os corpos na tela, um a um, e também os dedos por eles vagueavam, como se para vê-los, para sabê-los, fosse preciso tocá-los. Um toque para visualizar um perfil, mais um para aumentar a foto, para estimular um sentimento de copresença, para desbravar as imagens, para esmiuçar os contornos do corpo altero, para acessar nos outros, nossas próprias fantasias. Dois toques para interagir, para entrar na ordem dos discursos, para penetrar a sintaxe do desejo, para movimentar(-se) nas narrativas do tesão. O toque orienta a sempre infinda busca do sujeito desejante pela imagem em carne e osso de seu desejo. Uma busca tão veemente quanto infinda, já que os desejos não se podem materializar no signo, são da ordem do irrepresentável. Uma carícia na tela para percorrer quilômetros, para se afastar de si mesmo, viajar *online* para mais longe de seu próprio perfil, percorrer distâncias que são medidas em corpos, e em seus desejos. Por corpos e desejos vagueei, tão ébrio quanto sedento (BONFANTE, 2016, p. 19-21).

Introdução

Etnografia é método e produto semiótico, porque resulta sempre em uma narrativa, uma descrição semiótica da realidade cultural experienciada. Por resultar em um texto, o interesse pelas relações entre uma narrativa etnográfica e traços estilísticos é relevante à discussão da produção de conhecimento autoetnográfico, especialmente por uma perspectiva linguística. Desta perspectiva, a pretensão de purificação do texto científico de qualquer contaminação subjetiva foi um traço celebrado da prática etnográfica (KULLICK, 1996 [1995]; WILSON, 1996 [1995]; KENDALL, 2009). Se tal pretensão de composição de um texto objetivo já foi superada na etnografia, muitos linguistas ainda se fazem invisíveis no texto, perseguindo a fantasia de uma escrita neutra, despida de ideologias, que meramente relata o objeto observado. Rompendo com uma linguística que se formalizou para atender às demandas da ciência positivista, podemos elencar no fragmento acima, extraído do Diário de Campo em que descrevo minha participação no campo etnográfico, os seguintes traços: (1) narrador em primeira pessoa, um autor que se faz presente textualmente; (2) linguagem emotiva, altamente subjetiva e sensual¹ que procura ressaltar afecções corpóreas na experiência do *chat online*; (3) escrita subjetiva, com uso de figuras de linguagem,

¹ Pressuposto neste texto é que a linguagem transcende sua função comunicativa para “afetar”, ou seja, produzir efeitos em sujeitos.

comprometida com uma dimensão sensorial da linguagem. Essa grafia subjetiva ressalta a inserção do pesquisador no campo como ser corpóreo, como sujeito desejante, e como alvo de afetos linguísticos. No Prólogo, elejo metáforas como: “*faminto* analfabeto (...), *seduzido* pelas imagens que contempla.”; “*luxúria do tato*”; “*sentimento de copresença*”; “*carícia na tela*”; “Os olhos *percorriam os corpos* na tela, um a um, e também *os dedos por eles vagueavam*, como se para *vê-los*, para *sabê-los*, fosse preciso *tocá-los*”.

A presença do autor no texto na forma da escrita em primeira pessoa, a abundante adjetivação e a descrição de sensações realçam o sentimento de corporalidade do *chat online* através do dispositivo móvel. Tanto a forma do texto que desafia o cânone positivista da produção de saber, assim como a abertura semântica que a língua propicia, por meio das redes de significados estabelecidas pelos adjetivos, metáforas e demais elementos descritivos, faz o corpo comparecer em um ‘prática social que ora se acreditara descorporificada: a produção de conhecimento linguístico’ (BUCHOLZ; HALL, 2016). O emprego de sinestésias realça sentidos do corpo: (ver, sentir, tatear, paladar...) e delineia uma perspectiva de pesquisa que é central a esse texto: o linguista-experienciador da linguagem. Se etnografia é uma descrição densa e detalhada da realidade cultural observada, descrever densamente, sem adjetivos, sem metáforas e em 3ª pessoa, processos simbólicos que são carnis parece uma expectativa fadada ao fracasso. Especialmente se a descrição dos fenômenos estudados não se restringe ao sentido, mas envolve fenômenos culturais afeitos ao corpo e às suas sensações. Destarte, assumo aqui uma perspectiva autoetnográfica linguística, que abraça a provocação de questões sobre a natureza do conhecimento etnográfico por meio da contestação das persistentes dicotomias como *insider* x *outsider*; distância x familiaridade; observador objetivo x participante; e individual x cultura.

Neste texto, a intenção é justamente de contrastar a escrita etnográfica que nasce da relação entre o corpo subjetivo com os afetos do campo e da linguagem, revendo a metodologia, metalinguagem e teoria por trás da etnografia por uma perspectiva “linguística corporificada” (BUCHOLZ; HALL, 2016) e afetiva (ESPINOZA, 1983 [1677]). Por pensar linguagem como um fenômeno corporificado, o foco da discussão deste artigo sobre autoetnografia linguística será na relação entre linguagem e corpo. O contexto de investigação do trabalho são os aplicativos de pegação, nos quais me lanço à descrição das estratégias semióticas de elogio e do menosprezo do meu perfil pelos sujeitos participantes. Se na ocasião do campo tentara extrair sentido dos dados, percebi que os atos linguísticos se apresentavam envolvidos em nuvens de sensação. E que a linguagem me provocava no corpo, dados mais interessantes do que o dito. Nos apps, o que a linguagem fazia (atos perlocucionários² de fala) era mais relevante do que ela dizia (atos ilocucionários) para as relações intersubjetivas. Portanto, elegi neste artigo o corpo do pesquisador-experienciador da linguagem e do campo como instrumento de geração de dados.

Nesta Introdução, ressaltei tanto a etnografia como um fenômeno semiótico quanto a linguagem como fenômeno corpóreo. Defendi a relevância da escrita subjetiva para a exploração dos dados que confrontamos em campo e para apreensão do mundo, apresentando brevemente o objeto de pesquisa, ao ser cuidadoso em frisar a nuance afetiva da linguagem nesses código-territórios. Em seguida, descrevo os objetivos de cada seção: na primeira, *Linguística dos afetos*, detalho minha inspiração teórica na elaboração dos preceitos que

² Austin (1962 [1990]) explica três dimensões componentes de um ato linguístico: (1) os atos *locucionários* de fala, que se referem à locução mesma de um enunciado; (2) os atos *ilocucionários* de fala, que se referem aos desdobramentos linguísticos daquela fala, como um batismo, uma promessa; e (3) os atos *perlocucionários* de fala que se referem aos efeitos de atos linguísticos, que aqui exploro como efeitos corpóreo-discursivos engatilhados por traços linguísticos.

apoiam essa discussão, explicitando (1) o interesse pela recepção da linguagem, o (2) entendimento da linguagem como ação e (3) como fenômeno corporificado. Na terceira, *Erótica dos signos*, discuto nuances da metodologia e os movimentos analíticos, como rastreamento de (1) gatilhos afetivos da linguagem e (2) indexicalidade. Em seguida, em *Os Apps de Pegação*, a quarta seção, explicito o contexto de pesquisa e as particularidades do campo, assim como a relação do celular com o corpo, e os fenômenos da *descomputadorização* e de *geolocalização*. Em seguida (quinta seção), discuto a metalinguagem relacionada ao campo e proponho *queerizar* esse conceito sob a ótica da teoria da afetividade humana, invertendo a entrada no campo pela penetração do campo no pesquisador. Depois, apresento meus dados e discuto a inserção do pesquisador no campo pensando-a de duas formas: (A) pesquisador como corpo que afeta sensualmente e recebe cantadas, e (B) pesquisador como experienciador de injúrias linguísticas no campo. Finalmente (na última seção), arremato o artigo, discutindo algumas conclusões.

1. Linguística dos afetos

A teoria da afetividade humana de Espinoza (1983 [1677]) parte do pressuposto de que todos os seres desejam perseverar em si mesmos, isto é, possuem uma força para se manterem inalterados em sua essência. Essa força, que ele chamou de *Conatus*, é a razão da tensão afetiva entre todos os seres da Natureza³, e é base da interação dos corpos humanos com outros corpos que habitam a eminência do afeto, embora desejem se manter não-afetados. Para Espinoza, afetar-se é uma forma de conhecer o mundo, de sabê-lo e assim atingir uma ética que prevê a liberação da alma das paixões⁴, as quais reduziriam o potencial pleno do sujeito. Se tratarmos o fenômeno linguístico como um fenômeno corporificado tanto porque a linguagem é matéria prima do corpo quanto porque o corpo é parte essencial na produção de linguagem, então podemos tratar a linguagem como um corpo que afeta outro corpo. A relação entre linguagem e corpos é aquela de corpos em interação afetiva. Se entendermos com Espinoza que corpos agem e afetam um ao outro, pode-se estabelecer um paralelo com as teorizações do filósofo John Austin (1962 [1990]), que sugeriu que a linguagem é ação e deveria ser pensada pelo que é capaz de realizar, de fazer, de performar no mundo. Outros autores expressivos se alinharam à noção de linguagem como criadora ou “performativa”, que pressupõe uma linguagem que afeta, que interage. Foucault (1988a), por exemplo, explicou como discursos criaram e recriaram a própria homossexualidade, enquanto Butler (1993, 1997) propôs que a linguagem é o lócus criador ou performativo do gênero. Contudo, não apenas na construção de materialidades a interação entre linguagem e corpo se faz pungente. A linguagem também é capaz de provocar sensações e sentimentos, de afetar os corpos por meio de sua dimensão perlocucionária.

As proposições saussurianas de que (1) a linguagem repousa na coletividade, e (2) foco de interesse linguístico na *emissão* da mensagem e na *mensagem* em si fundaram uma tradição de estudos semânticos que negligenciou tanto o aspecto subjetivo da linguagem (que Saussure encapsulou no conceito de *parole*) quanto o *experienciador* da linguagem, assim como os efeitos que ela poderia nele erigir. Essa tradição tem propiciado um entendimento de

³ Natureza para Espinoza engloba todas as coisas do mundo, tanto objetos forjados pelo homem quanto sensações da alma, a própria linguagem, etc..

⁴ Com esta expressão “liberar a alma humana das paixões”, entendo com Espinoza que a alma deve ser protegida de sentimentos ruins, que seriam oriundos de uma falta de conhecimento do mundo. Para Espinoza, as paixões seriam afecções da alma nascidas de incompreensões sobre a natureza, de modo que só a alma limpa de tais afecções poderia encontrar seu potencial pleno como humano.

linguagem e sujeito como entidades discretas, ou até uma convicção de que o sujeito age sobre e por meio da linguagem. Contudo, a Teoria da afetividade humana (ESPINOZA, 1983 [1677]) nos leva a pensar que o sujeito não é onipotente frente à linguagem. Ele com ela interage e, portanto, é, ao contrário, “vulnerável” a ela (BUTLER, 1997). E o que a linguagem faz com o sujeito é o foco de atenção nesse artigo. Quando mudamos o foco do inquérito do significado da linguagem para suas afecções subjetivas em um *corpo-experenciador*, é necessário romper com a cisão sujeito e objeto e pensar na linguagem como corpo vivo em tensão afetiva com outros corpos. Sujeito e língua devem se complementar como forças de tensão que agem mutuamente e ativamente um sobre o outro. Em decorrência disso, sujeito e objeto podem coincidir, tanto na linguagem quanto na escrita etnográfica, por meio da adoção da autorreflexividade como instrumento de pensamento. A autoetnografia propõe justamente uma metodologia reflexiva e colaborativa na qual as experiências do linguista e suas relações com o campo e linguagem devem ser exploradas. A narrativa neste artigo se prestou à interrogação das estratégias semióticas de elogio e do menosprezo do meu perfil pelos sujeitos nos aplicativos de pegação. Fui o experienciador de todas as performances que analiso aqui, e as senti, as soube através de meus olhos, meu corpo. Refletir sobre nosso próprio corpo muitas vezes é um caminho não premeditado e por vezes desconfortável que tomamos para privilegiar narrativas outras na produção de conhecimento.

No prólogo, trouxe um fragmento de texto representativo do que entendo por uma “escrita autoetnográfica” e por uma “sociolinguística corporificada” (BUCHOLZ; HALL, 2016). O corpo é essencial para uma *Linguística dos Afetos*, que entende com Austin (1962 [1990]) que falar é fazer, que concorda com Butler (1997) que a linguagem é excitável, e com Espinoza (1983 [1677]) que o mundo nos afeta. Minha autoetnografia nos apps de pegação, que doravante chamarei *Erótica dos Signos*, realça um conhecimento linguístico cujo centro gravitacional é o corpo-experenciador e corpo-narrador, justamente porque o interesse está na intersecção entre corpo, afeto e linguagem. Ora, a intersecção entre corpo, afeto e linguagem é o receptor ou experienciador. O corpo do pesquisador não é um efeito colateral da observação, mas objeto especial sobre o qual agem atos perlocucionários de fala. O corpo é alvo do afeto e a linguagem é a flecha. Aqui me proponho, a partir da investigação desse explosivo encontro entre corpo e língua, discutir a relação afetiva entre autoetnógrafo e campo, expondo as potencialidades da grafia de si e de suas próprias experiências como forma de conhecimento para as ciências da linguagem.

2. Erótica dos Signos

Como proposta metodológica, a *Erótica dos Signos* traz o pesquisador, seu corpo, suas sensações para o texto, por meio de uma escrita sensual, em primeira pessoa, com metáforas e adjetivos, se lançando ao desafio de verter afetos corpóreos em produto semiótico, de transformar experiência subjetiva da linguagem em inteligibilidade. Inspirada pela proposta autoetnográfica que assume como estilo narrativo a mesclagem dos gêneros etnográfico e autobiográfico, abraço a produção discursiva de textos que retratam: (a) o código-território em que estou imerso (os apps de pegação); (b) atos autobiográficos que incorporam a descrição etnográfica; e (c) análises reflexivas de experiências de pesquisa durante o campo etnográfico. Apesar da extensiva reflexão sobre minha inserção nas práticas semióticas que estudo, considero difícil determinar o modo de participação no campo, já que o sistema classificatório é cheio de nuances: pesquisador *insider* ou *nativo* (BRANNICK; COGHLAN, 2007), *lurker* (NONNECK; PREECE, 2003), *observação participante* (DÍAZ-BENITEZ, 2007; KENDALL, 2009; BRÁZ, 2010), *pesquisador “IN-mundo”* (ABRAHÃO; MEHRY;

GOMES; TALLEMBERG; CHAGAS; ROCHA; DOS SANTOS; SILVA; VIANNA, 2014) e *autoetnógrafo* (MÉNDEZ, 2013) e (ELLIS; ADAM; BOCHNER, 2011). Pretiro aqui as duas últimas e me assumo como *autoetnógrafo “IN-mundo”* para ressaltar o aspecto afetivo do campo e da linguagem. No campo, minha experiência subjetiva também se dilui entre a experiência de outros sujeitos do desejo nos apps de pegação para formar um complexo conjunto de memórias, sensações, performances semióticas a serem vertidos em inteligibilidade e vestidos de dados. Aqui, autor e objeto de observação, pesquisador e informante, observador e participante, entrevistador e respondente se mesclam, se embaralham, revezam postos num dialogismo que implode as hierarquias de saber que impregnam o mundo ocidental. Uma mesclagem também é pressuposta na dissolução de conceitos estáticos como corpo e campo. Embora ambos gozem de certa assertividade conceitual, por uma perspectiva do pesquisador experienciador tanto seu corpo como o dos outros emergem das interações, são construídos em interação. Assim como o próprio campo que não tem limites seguros e definidos, mas resultado de negociações constantes. *Autoetnografia “IN-mundo”* também se relaciona a meu ver com a forma com que o campo e a língua nos tomam, nos sujam, nos envolvem em um mundo semiótico, e entende a produção de conhecimento através de um dialogismo afetivo entre mim e o campo. A análise dos signos para a *Autoetnografia “IN-mundo”* não se restringe ao campo dos significados, mas como os signos circulantes agem sobre nós, tocam nossos corpos, produzem sensações, nas telas dos apps de pegação, posicionando o autor dentro do contexto social que ele estuda. Tal análise privilegia a descrição densa e o rastreamento dos movimentos de indexicalidade como princípios de “contextualização de signos – linguísticos ou não – em uso. Indexicalidade é compreendida como um componente do significado das formas sígnicas que ocorrem” (SILVERSTEIN, 2009, p. 756). Rastrear os movimentos indexicais significa entender como os signos apontam para outros sentidos além dele, sugerindo contiguidades semânticas específicas de cada contexto social. Neste artigo, me interesso especialmente pela dimensão indexical que Silverstein (2009), inspirado pela performatividade da linguagem chama de indexicalidade criativa, ou seja, a dimensão que considera a “efetividade performativa das mensagens ao provocar consequências intersubjetivas no contexto em que eles comunicam” (p. 756). A efetividade performativa que aqui me interessa se refere aos efeitos que as interações no campo da paquera e da injúria surtiram no corpo do pesquisador-experienciador, e o entendimento de como elas foram provocadas. Um dos movimentos indexicais a serem investigados serão os *gatilhos afetivos*, conceito que cunhei para referenciar quais elementos da linguagem são capazes de despertar efeitos corpóreos.

3. Os apps de pegação

Os apps de pegação são código-territórios interessantes: são softwares, baixados em telefones celulares, que colocam lado a lado centenas de perfis de sujeitos à procura de “vir a ser como sujeitos desejantes” (BONFANTE, 2016, p. 126). Para tanto, eles estilizam seus corpos, intercambiam performances íntimo-espetaculares⁵ e se envolvem em diversas práticas semio-eróticas, como sexo online, discursivização de desejos, relatos de práticas sexuais, entre outras. Os perfis se organizam em ordem de proximidade, informada pela geolocalização dos aparelhos, como a Figura 2 mostra. Ao contrário dos chats de bate-papo, a

⁵ Performances íntimo-espetaculares foi o nome cunhado por Bonfante (2015) para se referir às performances do sujeito desejante nos apps de pegação. Tais performances possuem como características a invocação de signos da intimidade e a espetacularização – por meio de alterações corporais, filtros de manipulação de imagens, entre outros – do próprio corpo para produzir afeto nos seus interlocutores.

localidade é muito relevante e é performada constantemente nas estilizações de si: fotos de localidades da cidade frequentadas pelos sujeitos (como o Aterro do Flamengo, o Pão de Açúcar), nomes de bairro ou regiões (ATV Flamengo, BomdoLeblon, BoyZS), naturalidades (Mineiro safado, BAIANO, caRIOca, BRAZUCA). Todas essas informações figuravam na performance dos sujeitos desejan-tes como se a inserção geográfica dos corpos fosse essencial ao próprio sentido sobre eles. A performance da localização teria a dupla função de atribuir sentidos sobre os corpos e de dar uma noção da distância entre os interlocutores que almejam encontros carnavais.



Figura 1: tela de inicialização do aplicativo Grindr



Figura 2: Tela inicial do app Grindr, mostrando os sujeitos organizados por geolocalização.

Ademais, a organização dos corpos por meio da localização estimula uma sondagem pelas proximidades antes de viajar mais longe. Os aplicativos de pegação são um radar – ou *gaydar* como referido popularmente. Eles viabilizam a comunicação e o intercâmbio entre sujeitos, configurando-se como “plataformas tecnológicas onde se ensaiam as performances do sujeito do desejo, ao mesmo tempo em que promovem a própria ascensão dos indivíduos à condição de sujeitos, através da performance de si.” (BONFANTE, 2016, p. 89). Essas plataformas tecnológicas que, seguindo Foucault (1988b), nomeio “tecnologias de subjetividade”, implicam a fundação de uma territorialidade própria para a circulação dos

signos do desejo, um gueto discursivo onde os signos e os discursos têm função e poder mais visceral, onde os signos são combustível de reações explosivas no encontro da palavra com o corpo. É nesse território excitável que tanto a corporalidade da linguagem quanto a discursividade do corpo se tornam salientes. Contudo, se a linguagem – ou performances íntimo-espetaculares de natureza semiótica – pode afetar meu corpo dentro do campo, o afeto no campo não é só semiótico, mas também nutre uma relação importante com os celulares e outros aparelhos móveis, verdadeiros apêndices tecnológicos do corpo contemporâneo. Os aparelhos móveis são partidários do fenômeno recente da descomputadorização⁶ – a emergente e crescente popularidade de tecnologias móveis (*smartphones, tablets*) com acesso à Internet. Esse fenômeno “complexificou a discussão sobre virtualidade, ressaltando: a) a conectividade como uma função orgânica do corpo; b) as tecnologias de subjetividade (FOUCAULT, 1988b) que passaram a ser componentes essenciais do sujeito e não um espaço virtual que adentramos ora ou outra; c) a complexificação da discussão sobre espaço e tempo – e com razão a própria compreensão de ‘campo’ etnográfico – já que geolocalização dos apps ressalta corporalidade do sujeito, enquanto a virtualidade a dilui” (BONFANTE, 2016, p.140). Os celulares impulsionaram o fenômeno da descomputadorização e, ao fazer isso, alavancaram a transformação da relação entre sujeitos e máquina num processo intersubjetivo: (a) dinâmico, pela fluidez e rapidez típicas da Internet, com as quais os textos viajam e a ágil e febril proliferação de discursos; (b) íntimo, pois esse artefato veicula uma intensa carga emocional, ao qual podem estar atrelados vários significados sensuais, devido à proximidade do corpo, à cumplicidade e à intimidade que o celular desperta; e (c) corpóreo, já que tal processo intersubjetivo entre humano e máquina é um fenômeno **corpóreo**, pois o celular procura sanar a incompletude do corpo e curar “um ressentimento do corpo de não ser máquina” (LEBRETON, 2010, p.62), expresso na contemporaneidade pela ausência da conectividade. Acredito que “conectividade deixou de ser uma característica maquínica para ser uma função orgânica.” (BONFANTE, 2016, p. 93-94), tornando a separação entre celulares e corpos mais difícil de precisar. Nas palavras de Preciado (2010), o corpo dos sujeitos passou a funcionar “como uma extensão das tecnologias globais de comunicação” (p. 39), e não o contrário: as tecnologias não são extensões do corpo, elas são o corpo: “O celular mora no corpo, está sempre em contato com ele, se distribui por ele e com ele os aplicativos de pegação propiciam e ensejam a recriação do corpo constantemente através das performances que instrumentalizam” (BONFANTE, 2016, p. 93).

4. A catacrese da “ida” a campo ou As diferentes formas pela qual o campo nos penetra

Para a etnografia funcionalista de Malinowski (1976), o ritual de entrada no campo seria condição do estranhamento, essencial para a grafia de culturas. Penso, contudo, que estranhamento não é vetado apenas a contextos exóticos ou desconhecidos. Essa é antes uma fantasia colonialista. A metáfora do “ir a campo” é para a *Erótica dos Signos* rejeitada tanto pela memória colonialista que ela carrega quanto pela inacuração metalinguística, já que a

⁶ Para Androutsopoulos (2006, 2008), se pode distinguir duas fases da etnografia virtual: na primeira onda, experimental de acordo com o autor, o foco era nos efeitos das tecnologias sobre a comunicação, nos seus traços e estratégias assumidos como mídia-específicos. Já a segunda onda de estudos centrados na linguagem em comunicação mediada por computadores foi de acordo com Androutsopoulos (2008, p. 1-2) “informada pela pragmática, sociolinguística e estudos do discurso e acabou por enfatizar o uso situado da linguagem e a diversidade linguística”. Se as primeiras fases da etnografia virtual se esforçaram para provar a relevância dessas realidades online, o celular denota uma afecção radical do corpo por uma máquina e a descomputadorização – fenômeno no qual a internet sai dos computadores para acompanhar os sujeitos através de aparelhos móveis – aponta para um mundo cada vez mais interconectado onde as metáforas de virtual e real não mais se aplicam.

metáfora da “entrada” soa um pouco descabida, quando interrogamos nossos arredores sócio-simbólicos, a vizinhança cultural em que estamos imersos e em que somos às vezes nativos. Estranhar constantemente nossa própria cultura é pressuposição do trabalho de cientistas sociais – acreditem-me: nós linguistas somos cientistas sociais! – sem ser preciso entrar e sair do campo. Especialmente em pesquisas online, a metáfora de “entrada no campo” pode soar anacrônica, porque “em um mundo interconectado, nunca estamos realmente fora do campo” (GUPTA; FERGUSON, 1997, p. 35). Nem a ausência do ritual de entrada nem a virtualidade apresentaram obstáculos para o afeto que as performances semióticas me provocavam. Estar online não foi empecilho para experimentar a intensidade da vida social que pulsava nos códigos-territórios em que imergi. Imerso, aprendi que campo era estar online nos apps, mas também fora deles, o tempo todo.

Apesar da ausência do ritual da entrada, não rejeito completamente a metáfora de entrada no campo; prefiro subvertê-la pela ótica da teoria de afetividade humana (ESPINOZA, 1983 [1677]), com o intuito de ressaltar a dimensão afetiva do campo e como ele penetra nosso corpo. Na autoetnografia linguística, campo é também contexto da linguagem e, como tal, é relevante porque linguagem é dependente de contexto. Portanto, entendo campo como as forças afetivas que tocam o experienciador da linguagem, de modo que não entramos no campo, mas ele nos penetra. O campo nos penetra por três vias: (a) pelo código-território; pelos (b) outros sujeitos online [eles]; e pelo (c) afeto [ela] – e digo *ela* porque o veículo do afeto é a língua. Tanto o código-território, quanto os sujeitos também nos afetam por meio de sistemas semióticos, e essas três dimensões (alteridade, contexto e linguagens) são justamente as que compõem, a meu ver, a noção de campo. Essas dimensões não se comportam passivamente frente ao etnógrafo, mas nos tocam, agem sobre nós. Se por vezes acreditamos entrar no campo, na verdade é ele que nos penetra, seus discursos nos interpelam. Nossa pele e nosso corpo não têm a função de criar limites precisos entre nós (pesquisadores) e o mundo, mas de fundi-los, conectá-los. A experiência autoetnográfica linguístico-afetiva não deve ser ascética, a-corpórea. Cobertos por pele de cabo a rabo, a percepção sensorial é uma forma de saber e, como propõe Catherine Keller: “Nossa pele não nos separa – ela nos conecta ao mundo através de uma rede fascinante de percepção sensorial (...). Através de meus sentidos eu entro no mundo e o mundo me penetra (...)” (KELLER, 1986, p. 200).

Mesmo quando se tenta manter uma distância segura do mundo, pesquisar sem se sujar, sem se mostrar, sem ser vulnerável parece utópico. Especialmente no campo das linguagens das quais não se pode escapar. O campo pode se voltar contra nós, como relata Eva Moreno (1995 [1996]), que sofreu um estupro no campo. Ela explica que até o momento do estupro, se sentia numa posição hierárquica dominante: “estrangeira, profissional, pesquisadora”. Após o estupro ela “era só uma mulher” (MORENO, 1995 [1996], p. 244). Moreno alude a uma falsa segurança que o campo lhe dava, baseada na ilusão da separação entre pesquisador e campo, fundada na tranquilidade da metáfora desgastada “entrada no campo”. Embora Moreno achasse que pudesse abandonar o campo quando quisesse, o campo permaneceria nela para sempre. Na mesma coletânea de artigos, Kate Altork estudou uma brigada de bombeiros combatendo incêndios florestais (ALTORK, 1995 [1996]). Ela confia os repetitivos sonhos eróticos que tinha com os bombeiros voluntários durante o campo e propõe que campo não mantém uma distância respeitosa de nossos corpos e por vezes nos toma, nos adentra mais do que permitimos ou queremos. Vivendo o campo na pele, eu sabia que era improdutivo insistir na catacrese “entrada no campo” porque ela sustentava uma separação entre o meu corpo (pesquisador) e o campo (vias de afecção). No Diário de Campo confidenciei: “O campo vai te violar, não vai te deixar castidade pra contar história.

Na verdade, percebi que nunca entrara no campo, mas o campo entrara em mim: havia inundado todo aspecto da minha vida.” (Diário de Campo, Dezembro de 2013).

A forma como o campo nos penetra corresponde a uma força afetiva, que implica uma forma de saber, de conhecer o mundo. De certa forma, gerar dados é se deixar penetrar pelo campo. Estar no campo, sujeito ao seu toque sensual e a sua penetração, me proveu de informação sobre como a linguagem ali não visava uma comunicação semântica, mas privilegiava o afeto linguístico por meio do estímulo corpóreo de sentimentos como excitação, desejo e até o gozo. Desconfiar quanto à separação entre mim e o campo também permitiu a implosão da hierarquia entre investigador e realidade estudada e da metáfora *pesquisador* (agente) *penetra campo* (paciente). A entrada (por vezes literal) do campo em mim fez desconfiar desta figura de linguagem que se propõe a: (a) proteger o pesquisador de escrutínio e permitir-lhe decidir até que ponto pretende se mostrar e se comprometer pela ciência (KENDALL, 2009); (b) proteger de questionamentos traços identitários que se beneficiam da posição de neutralidade, como a branquitude e heterossexualidade masculina (KULLICK, 1996 [1995]); e para (c) manter uma relação hierárquica entre o conhecimento etnográfico e o mundo do qual ele apreende seu conhecimento (WILLSON, 1996 [1995]). De acordo com Willson (1996 [1995], p. 252), a metáfora de ida a campo também influenciaria em que tipos de informação são consideradas valiosas para o saber etnográfico, ao mesmo tempo em que trabalha na produção de uma autoridade etnográfica para tratar dos temas que estuda. Por outro lado, a metáfora colonialista de ir a campo também contribui para a deslegitimação da escrita autoetnográfica assim como da perspectiva afetiva da linguagem.

5. A língua no corpo

Em um campo de etnografia linguística, as semioses são a dimensão mais saliente do afeto: por meio das linguagens agimos sobre os outros. Contudo, eles também agem sobre nós. Nas seguintes subseções, discuto duas dimensões da participação corporificada do pesquisador na Erótica dos Signos: em 5.1, o pesquisador como objeto do desejo e as dinâmicas do afeto sensual com outros sujeitos; e, em 5.2, o pesquisador afetado pelo campo e pela linguagem de seus interlocutores na dinâmica da injúria linguística.

5.1. Tesão no campo: do meu corpo para o deles

Ao contrário de me preocupar em resistir às seduções do campo: os constantes convites para encontros, o flerte fácil, a insistência de alguns interlocutores, reconheci *a priori* aquilo em que meu corpo insistia: em ser corpo excitável. E as sensações a mim infligidas por meio semióticos passaram a ser acessadas como dados etnográficos. Nesta seção, descrevo como a minha performance semiótica afetou outros participantes dos apps e como eu reagia aos estímulos semióticos. O meu perfil que circulava nos apps foi pensado cuidadosamente para ser convidativo à geração de dados, principalmente no formato de entrevistas conduzidas no próprio app. Nele se via uma foto do meu rosto apenas, porém sorrindo. No nome, bem no alto do perfil se lia “Linguista” e em baixo uma *headline* “como vai você? Eu preciso saber da sua vida...” seguida por uma breve *descrição* “fazendo etnografia”. Do lado esquerdo, na vertical, minhas informações antropométricas, como peso, idade, altura e etnia. Fui motivado na elaboração pela expectativa de fornecer pistas indexicais da minha participação naquele código-território e fornecer material semiótico, informações que estimulassem uma interação. Apesar da minha performance como pesquisador, ou por causa dela, vários sujeitos iniciaram interações em um enquadramento de paquera. Minha performance foi encontrada pelos

desejos deles, que, vertidos em linguagem, foram lançadas a afetar meu corpo. As figuras abaixo são exemplos de cantadas que me interpelavam como objeto do desejo no campo:



Figura 3, 4, 5 e 6: cantadas no campo

Nos exemplos expostos acima (Figuras 3, 4, 5 e 6), todas as mensagens foram enviadas como uma resposta ao afeto que meu *nickname* “Linguista” produziu. Porque a língua é também um órgão sexual, a homonímia entre o órgão e a linguagem no ambiente de pegação online foi muito frequentemente explorada pelos meus interlocutores, como confidencio na Figura 5. A ambiguidade na língua refletia uma dualidade subjetiva (sujeito desejante/pesquisador) que se mostrava pragmaticamente saliente para interlocutores na estilização de mim mesmo. Embora não haja muita linguagem nas interações, algumas observações podem ser inferidas com base tanto na análise do texto quanto na reflexão subjetiva sobre os efeitos dessas performances. A pontuação cuidadosa na escrita pode indexicalizar interesse na interação, atenção, e o *emoticon* “☺” que emula o sorriso traz os corpos para a interação, indexicalizam (WOOLARD, 2008) a emulação de um sorriso por meio de uma convenção performativa de uma resposta corporal em interações *in absentia*. O uso de emoticons não apenas alude à corporalidade da linguagem e à importância da expressão do corpo durante a comunicação, como também oferece pistas contextuais das sensações infligidas ao sujeito pela palavra. Tais abordagens, que investiam em uma empatia (Figura 5), me devolviam ao meu corpo, e, ao ser penetrado pelos efeitos materiais das cantadas linguísticas, pude aprender não apenas sobre estratégias semióticas para afetar o Outro, como também sobre palavras tabu (Figura 6) e envio de imagens íntimo-espetaculares (Figura 3). Qualquer elemento semiótico, como a homonímia entre língua-órgão e língua-fenômeno (Figuras 3,5 e 6) e a minha inserção no código-território como pesquisador (Figura 4), poderiam ser um estopim – ou gatilho semiótico do afeto – para a paquera nos apps. Na Figura 4, o próprio conceito de “pesquisa de campo” foi trazido para aludir a um encontro de corpos *in presentia*, assim como o “marcar” típico dos encontros digitais comparece delimitando um código-território específico. Estar no campo como pesquisador me permitiu também algum capital erótico e a minha inserção foi frequentemente ressignificada para me dobrar ao desejo de meus interlocutores, como na Figura 3. Apesar da minha identificação clara como pesquisador, constamos o envio de uma *nude* no primeiro contato, que, assim como convites diretos para relações sexuais, são muito frequentes nos apps de pegação. Pesquisar nos aplicativos de pegação significa comumente ter nossas performances dobradas ao desejo de outrem. Embora eu almejasse uma participação discreta, era constantemente interpelado como objeto de desejo. Como mostram os exemplos, cantadas foram pensadas como deslocamentos criativos de sentido dentro do campo semântico da linguística e da

pesquisa. Em comum tinham o fato de serem: (a) humoradas, (b) diretas e (c) metafóricas. O gatilho linguístico do afeto foi um duplo sentido no uso do nick “Linguista”, cuja ambiguidade foi resgatada na maioria das abordagens. Discursivamente elas encapsulam uma intertextualidade entre as funções de um linguista e atividades sexuais: “botar a língua” na Figura 3 “pesquisa de campo” na Figura 4. Contudo devemos reconhecer que outros dados semióticos possam também ter sido estopim, como foto, dados biométricos etc. As cantadas duplamente legitimavam meu devir pesquisador e investiam no meu devir-sujeito-desejante. Surgiram tanto apesar do devir-pesquisador quanto por causa dele. Se na época do campo, eu tivesse acreditado que o pesquisador desaprecia no sujeito objeto de desejo (BONFANTE, 2016), eu estava errado. Minha presença foi percebida como ambos, pesquisador e sujeito do desejo. Objetificado, eu tive que intermitentemente negociar minha posição como etnógrafo, num código-território profundamente excitável e sexualizado em que o pesquisador era posicionado pelos Outros como figura sexual dentro do campo. Meu próprio gênero, minha branquitude, minha “mineirice” ou não-cariocalidade, minha predileção de posição no ato sexual – e esse fato importou como poucos – o tamanho do meu órgão genital, todos esses traços corpóreo-subjetivos se tornaram salientes e focos de interesse e questionamento, na medida em que eu era produzido como objeto de desejo nos apps. Refletir sobre como nosso corpo é apreendido por outros sujeitos nas querelas do desejo pode ser uma forma de conhecer e saber nosso campo de pesquisa (BRAZ, 2010). Se posso sugerir que branquitude, masculinidade, juventude, corpo malhado, saúde, potência e prontidão para o ato sexual, marra e cariocalidade são performances com alto potencial de afeto sensual nos apps, é porque estive literalmente nu no campo. Porque meu corpo e minha subjetividade não apenas observaram, mas foram escrutinizados. E, se minha estilização nos apps provocou afetos em outros corpos, meu corpo também foi afetado, com excitação, prazer, ansiedade, tesão, desprezo, aversão, entre outras afecções. A forma como o corpo-experienciador reagiu aos estímulos linguísticos também pode ser elucidativa de como se dão as práticas sociais nesse código-território e o que pode nele a linguagem. A forma como recebi cada uma dessas cantadas foi descrita extensamente no Diário de campo e foram analisadas como sensações distintas, como: (a) tesão, excitação (Figura 3); (b) empatia, curiosidade (Figura 4); (c) reconhecimento, solidariedade, empatia, (Figura 5); e (d) irritação ou asco (Figura 6). As abordagens que me causaram irritação ou asco têm em comum a suposição de que minha inserção como pesquisador não era levada a sério.

5.2 A língua deles no meu corpo: narrativas de um corpo tocado pela injúria sissyfóbica

O afeto, como um efeito de linguagem, tocou meu corpo em várias ocasiões no campo e, nesta subseção, comento um caso específico: a expressão do preconceito/ódio/nojo em relação a performances efeminadas, e como esses atos linguísticos afetam o corpo. Despido da pretensão de objetividade, eu estava vulnerável ao olhar do Outro. Vulnerabilidade linguística, segundo Butler (1997, 2009) se refere à sujeição humana à linguagem. Para Butler, a linguagem nos constitui enquanto sujeitos e por isso também pode nos destruir, nos ferir, nos desfazer. É porque somos seres linguísticos que a linguagem pode se virar contra nós, nos machucar. Embora eu tivesse pensado não ser vulnerável a ferimento e dor no campo, houve momentos em que as palavras me foram desferidas como armas: “Vira homem pra falar comigo, bichinha fdp!”, foi o que recebi como resposta, após mandar um típico “E aí, blz?”, para um participante do app. Experimentei logo os efeitos daquele ato linguístico no meu corpo: o primeiro sentimento foi um misto de vergonha e humilhação, apaziguado um pouco pela solidão do momento. Em seguida fui abatido por uma tristeza e apatia

persistentes. Havia certa brutalidade naquelas palavras que era difícil de prever. Parecia que meu tamanho físico e simbólico ia diminuindo, como se fosse desaparecer. Ao mesmo tempo, minha temperatura corporal subia, principalmente nas faces que se avermelharam um pouco. Vesti então minha armadura de arrogância e ensaiei inúmeras performances semióticas que se prestassem a retribuir-lhe a dor física ou a imprimir-lhe um sentimento de desdém, desprezo. Nunca enviei, por orgulho, porque minha reação apaixonada poderia evidenciar que a injúria teria me afetado. Essa convulsão oscilante de sentimentos negativos foi disparada por um simples ato linguístico semelhante ao que se refere Butler (1997), quando propõe que a injúria linguística nos tira de nosso lugar, coloca nosso corpo em outro espaço em uma experiência de atordoamento, seguido por dor física. O atordoamento se dá em grande parte pelo sentimento de ser diminuído ou não legitimado como nos enxergamos a nós mesmos.

Ao analisar essa e outras injúrias que recebi no campo, tentei entender como discursivamente essas performances causaram efeitos de sentido no autoetnógrafo “IN-mundo”. Para tanto, passei a analisar quais elementos ou traços linguísticos provocariam tais cadeias de sentimentos, e como específicos atos linguísticos eram capazes de engatilhar (*trigger*) emocionalidade. O exemplo fornecido acima “Vira homem pra falar comigo, bichinha fdp!” é interessante por demonstrar os três elementos linguísticos elencados como *estopins discursivos* para afecções corpóreas nos atos de injúria: (a) diminutivo; (b) palavrões; e (c) e acusações de feminilidade. Pelo menos um desses três elementos compareceu nos doze casos de injúrias direcionadas a mim.

No campo morfológico, o prefixo –inho foi amplamente empregado como forma de diminuir, desdenhar, indexicalizando valores relativos à inferioridade, à falta de corpulência e ao feminino. Tais sentidos são efeitos de estratégias retóricas de inferiorizar o outro. Na expressão do grau, ou seja, do tamanho, na língua portuguesa o sufixo –inho compete com prefixos como mini-, micro- como propõe o linguista Sandmann (1980). O autor acredita serem estes últimos mais neutros e afirma que, de fato, são mais usados em termos técnicos ou científicos. Em contrapartida, ele propõe que o diminutivo sufixal (-inho), seja atrelado a um aspecto emotivo/subjetivo dos falantes: “diminutivo -inho se presta hoje mais à expressão do apreço e desapeço – contêm, portanto, elementos de emocionalidade – do que à expressão neutra do tamanho pequeno” (SANDMANN, 1980, p. 74).

Se, por um lado, “Xingamento e palavras tabus têm sido empregados historicamente por homens na companhia de outros homens como símbolos da sua tenacidade e masculinidade” (COATES, 2003, p. 46), por outro, uso de palavrões são o percurso linguístico mais seguro para a ofensa. Embora palavrões estejam “sujeitos às limitações de uma cultura e de uma época” (PRETI, 1980, p. 64), o material simbólico dos palavrões no português, de acordo com o autor, seriam: (a) sexualidades estigmatizadas, (b) partes do corpo ditas de forma crua e grosseira, assim como (c) funções escatológicas do corpo e (d) blasfêmias religiosas. Nas performances dos apps, cuja característica prototípica é a performance de masculinidade hegemônica, os palavrões possuem essa dupla função de performar um homem macho e ao mesmo tempo disparar injúrias, principalmente contra aquelas performances que não se qualifiquem como masculinas, exercendo uma espécie de *vigilância pedagógica do macho* que pode ser muito violenta. Tal vigilância nos leva ao nosso terceiro traço linguístico, identificado como estopim da injúria linguística: a acusação da feminilidade ou a não-ratificação da masculinidade.

Embora “nós todos construamos em parte quem somos através da negação do que não somos, para homens, a negação da homossexualidade é particularmente saliente” (COATES, 2003, p. 69). No entanto, tal saliência não se restringe aos grupos heterossexuais como se poderia esperar: a demanda de masculinidade contamina as semioses do homem gay como

uma demanda de enquadramento à heteronormatividade disfarçada de apreciação estética. Ordens como “vira homem!” e xingamentos como “bichinha” são exemplos típicos da vigilância das performances do macho que são colocadas em prática nos apps com a intenção de denunciar o menor sinal de efeminação como um imperdoável pecado semiótico.

Falar sobre minhas vulnerabilidades no campo ou mesmo no que tange a performances de masculinidade é um assunto que me traz intenso desprazer e desconforto, como se cada palavra significasse reviver aquele afeto. Tampouco acredito no poder terapêutico⁷ da escrita de si, como propõem ELLIS *et al.* (2011), como traço potencial da autoetnografia. Contudo, compartilho esse fato aqui como um compromisso ético com outros sujeitos que sofreram ou sofrem frequentemente injúrias dessa natureza e como compromisso político com a construção de um mundo com “menos sofrimento social” (MOITA LOPES, 2006) por meio de uma linguística assumidamente política e ideológica. A própria experiência no campo é transformadora, já que me fez mais sensível às injúrias (inúmeras delas raciais, gordofóbicas, pozfóbicas⁸, contra meninos magros, sem barba, baixos, mas principalmente femininos) e mais atuante no combate à verbalização de preconceitos. Estar em campo como um corpo injuriado também denota que na injúria linguística a nossa responsabilidade é ‘pela repetição e não originalidade’ (PENNYCOCK, 2007; BUTLER, 1997) de um ato linguístico.

Minha experiência como injuriado também me ensinou que os signos da masculinidade são abertos à interpretação e que demandas sociais de macheza construíram uma masculinidade frágil que não pode relaxar quanto às suas performances de si, pois está sempre atento à presença fantasmagórica da bicha que pode minar uma performance desejável. Além disso, porque a ideologia da virilidade é importante para a gramática do desejo gay, a “pedagogia do macho” (BONFANTE, 2016) é muito violenta em ambientes homosociais como os apps. Finalmente, aprendi com meu corpo que pode haver uma discrepância entre como nos vemos e como somos vistos pelo Outro. E que nossa própria existência só é ratificada pelo Outro, ou seja, “‘eu’ é um produto da alteridade” (BONFANTE, 2016, p. 75).

Conclusão

Neste artigo, teci considerações a respeito da minha inserção no campo como linguista IN-mundo e sobre questões que surgiram da minha interação com o campo etnográfico. Ao etnografar práticas linguísticas, elegi minha própria experiência como fonte de dados privilegiada para tangenciar os afetos do corpo em função da linguagem em específico contexto: o dos apps de pegação. Esbocei uma metodologia interessada pelos afetos e experiências corpóreas, que nomeei Erótica dos Signos. Para a Erótica dos Signos, o corpo não é idiosincrasia da linguagem, mas o centro em torno do qual ela gravita. Introduzir o corpo nas ciências da linguagem é uma atitude epistêmica política, honesta, ética e responsável. Ao resgatar o corpo do pesquisador de sua pretensão de invisibilidade, propus que ele pode funcionar como instrumento de geração de dados para inquéritos linguísticos. Justamente porque o corpo do pesquisador é instrumento de saber o mundo, por ser o lócus da

⁷ Escrever histórias pessoais pode ser terapêutico para o escritor, assim como pode motivar mudanças no entendimento comum sobre temas sociais, como propõem Ellis *et al.* (2011) e Holman Jones (2005). Definitivamente escrever sobre esses temas não me trouxe nenhum conforto terapêutico, contudo ainda acredito que possa surtir tais efeitos entre meus leitores – e essa é definitivamente uma motivação para tal escrita –, já que pode lhes dar uma voz que nunca acharam ter, encorajando responsabilidade pessoal e agência subjetiva que podem aumentar a consciência e promover mudanças culturais.

⁸ Pozfobia é um termo importado do inglês que se refere ao preconceito sofrido por sujeitos soropositivos.

entrada do campo no pesquisador: nosso corpo é por onde o mundo nos penetra, por onde o mundo é interpretado e transformado em conhecimento, fato que me levou a defender uma reformulação da metáfora da “entrada no campo”, denunciando-a como tradição colonialista que almeja proteger o pesquisador e atribuir-lhe autoridade sobre o conhecimento que produz. A atitude epistêmica de resgatar o corpo e reformular a metáfora é uma tentativa de implodir as noções de campo e corpo, propondo uma interpenetração entre o sujeito que pesquisa e o mundo que nos cerca, e instaurando a prática autoetnográfica como uma empreitada de transformação do privado em público e político (HOLMAN JONES, 2005). Minha experiência como pesquisador me mostrou que os pensamentos fundados na reflexividade teórica e no estudo autoetnográfico são uma forma de construir uma ponte entre essas dimensões coletiva/social e subjetiva/particular da vida social. Na autoetnografia, estamos protegidos da ambição de universalidade, embora possamos estabelecer enquadramentos globais para compreensão de práticas estudadas localmente.

Metodologicamente, os aplicativos como exemplos do fenômeno da descomputadorização ressaltam que o procedimento de pesquisa deve manter-se em constante reatualização, reinvenção e autorreflexão: a entrada dos pesquisadores nos apps deve seguir o fluxo dos dados e também acreditar em seus olhos, em seu tato, em seu corpo. Se nós recebemos linguagem no corpo, devemos estar aptos a considerar nosso próprio corpo na hora de verter experiência linguística em inteligibilidade. Assim, a mídia em que as interações se desenrolam passa a ter um papel relevante nas trocas simbólicas, não apenas por ser instrumento de comunicação, mas também por produzirem afeto e por acentuarem o corpo. Se o papel de mediação entre os corpos fica por parte da tecnologia, ela também é corpo que interage, e interagindo distribui performances de corpos através do tempo e do espaço para afetarem outros corpos ausentes no aqui e agora. A mídia também é relevante por ser o ponto de coesão entre os participantes. Afinal de contas, era aquela experiência discursivo-corpórea com o celular que nos reunia como comunidade de prática nos apps. Era estar online e desejando nosso único vínculo. Desejando online, também aprendi com meu corpo que os apps são lócus de plena heteronormatividade e vigilância corpórea e que qualquer signo de efeminação pode ser mobilizado como um ataque ao sujeito que performa insígnias do feminino. Aprendi que essas violências simbólicas contra qualquer traço de feminilidade doem muito e são largamente usadas para respaldar certa hierarquia num mercado simbólico erótico altamente misógino. Injúrias são usadas nos apps como forma de controle social e de vigilância heteronormativa. Homens fiscalizam performances desejantes de outros homens prescrevendo práticas masculinas cuja não-adesão pode resultar em injúrias linguísticas. Essas injúrias produzem efeitos corporais nos campos de reações fisiológicas (como calor) e sentimentos (como humilhação, vergonha, tristeza, raiva) e elas podem ser disparadas, engatilhadas, por elementos morfológicos, lexicais e discursivos como, respectivamente, (a) diminutivo; (b) palavrões; e (c) e acusações de feminilidade. Ademais, percebi em campo, como receptor e experienciador de linguagem que, em contextos sexualizados como os apps, as performances do pesquisador são duplamente entendidas como profissionais e subjetivo-desejantes, como denotam as cantadas todas engatilhadas pelas aproximações de sentido entre as práticas profissionais de um linguista e as expectativas sexuais em torno da língua-órgão sexual. Também pude notar que aspectos subjetivos, antropométricos e estéticos são relevantes mesmo em interações não-sexuais, e me abrir ao afeto do campo foi essencial para acessar os dados que propus investigar. A linguagem foi o instrumento usado pelos participantes para tocar meu corpo de duas formas: cantadas e injúrias. Embora aquelas tenham sido mais numerosas do que estas, não há uma só injúria esquecida e é as trazendo a

público que pretendo contribuir para o delineamento de uma empreitada linguística política e envolvida com a possibilidade de mudança social.

Their tongues over my body: language and field as autoethnographer's bodily experiences

ABSTRACT: The contribution of this article to autoethnographic knowledge in the field of linguistics is to share my experience as linguistic autoethnographer concerned with self stylization in cruising apps, and interested in understanding through which linguistic features our bodies can be affected online. I assume here the body of the researcher – the receptor of language – as the locus of intelligibility production about the world we live in. In dialogue with Judith Butler, Michel Foucault and John Austin, I discuss the relevance of linguistic pondering while composing an autoethnographical style. Then, inspired by Spinoza's writings, I illustrate the contemporary affective relationship of Smartphones with our bodies and argue for the comprehension of “ethnographic field” as a set of affective forces – among them language – through which we can learn and apprehend the world. I also argue for a redefinition of the metaphor of “going to the field” as a decolonial responsibility. Finally, I explore the presence of the researcher in the field as both responsible for affecting sensually his interlocutors and as experiencer of linguistic injuries, in order to discuss the importance of considering these bodily affections as linguistic effects for the ethnographic enterprise and linguistic knowledge.

Keywords: cruising apps; linguistic autoethnography; affect; applied linguistics; erotics of signs.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, A. L.; MEHRY, E. E.; GOMES, M. P. C.; TALLEMBERG, C.; CHAGAS, M. S.; ROCHA, M.; DOS SANTOS, N. L. P.; SILVA, E.; VIANNA, L. O pesquisador IN-MUNDO e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: GOMES, M. P. C.; MEHRY, E. E. (Orgs.). *Pesquisadores In-Mundo: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Rede Unida, 2014.

ALTORK, W. [1995] Walking the fire line: the erotic dimension of the fieldwork experience. In: KULLICK, D.; WILSON, M. (Eds.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996.

ANDROUTSOPOULOS, J. Introduction: Sociolinguistics and computer mediated communication. *Journal of Sociolinguistics*, v. 10, n. 4, p. 419-438, 2006.

_____. Potentials and limitations of discourse-centred online ethnography. *Language@Internet* 5, article 9. Disponível em: <<http://www.languageatinternet.org/articles/2008/1610/androutsopoulos.pdf> 2008> Acesso em: 17 maio 2016.

AUSTIN, J. L. [1962] *Quando dizer é fazer*. Palavras e ação. Conferência 2. Trad. Danilo Marcondes. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.

BONFANTE, G. M. *Erótica dos signos: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

BRANNICK, T.; COGHLAN, D. In defense of being “native”. The case for insider academic research. *Organizational Research Methods*, v. 10, n. 1, p. 59-74, 2007.

- BRAZ, C. *À meia-luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Embodied sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.), *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: CUP, 2016.
- BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 1993.
- _____. *Excitable speech: a politics of performative*. London: Blackwell, 1997.
- _____. *Frames of war: when is life grievable*. New York: Verso, 2009.
- COATES, J. *Man talk*. Oxford: Blackwell, 2003.
- DÍAZ-BENITEZ, M. E. Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, p. 93-112, 2007.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988a.
- _____. Technologies of the self. In: MARTIN, L. H.; GUTMAN, H.; HUTTON, P. H. (Eds.). *Technologies of the self: a seminar with Michel Foucault*. London: Tavistock Publications, 1988b.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J. Discipline and practice: "the field" as site, method, and location in anthropology. In: GUPTA, A.; FERGUSON, J. (Orgs.). *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- HOLMAN JONES, S. Autoethnography: making the personal political. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.
- KELLER, C. *From a broken web: separation, sexism and self*. Boston Mass: Beacon Press, 1986.
- KENDALL, L. How does issues of gender and sexuality influence the structures and processes of qualitative internet research? In: MARKHAM, A.; BAYM, N. (Eds.) *Internet inquiry: conversations about method*. Los Angeles: Sage, 2009.
- MALINOWSKI, B. [1922] *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MORENO, E. [1995] Rape in the field: reflections from a survivor In: KULLICK, D.; WILSON, M. (Ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada (In)disciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

NONNECK, B.; PREECE, J. Silent participants, getting to know lurkers better. In: LUEG, C.; FISCHER D. (Eds.). *From usenet to cowebs: interacting with social information spaces*. New York: Springer Publishing, 2003.

PENNYCOOCK, A. Performance and performativity. In: _____. *Global englishes and transcultural flows*. Nova York: Routledge, 2007.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SANDMANN, A. J. A expressão da perjuratividade. *Letra*, v. 38, p. 67-82, 1980.

SILVERSTEIN, M. Pragmatic indexing. In: MEY, J. L. *Concise encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, 2009.

SPINOZA, B. de. [1677] *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Marilena de Souza Chauí et al. Coleção *Os pensadores*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

WILLSON, M. [1995] Perspective and difference: sexualization, the field and the ethnographer In: KULLICK, D.; WILSON, M. (Ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. New York: Routledge, 1996.

WOOLARD, K. Why dat now? Linguistic-anthropological contributions to the explanation of sociolinguistic icons and change. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 432–452, 2008.

Data de envio: 28/07/2017

Data de aceite: 26/07/2018

Data da publicação: 15/08/2018